

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

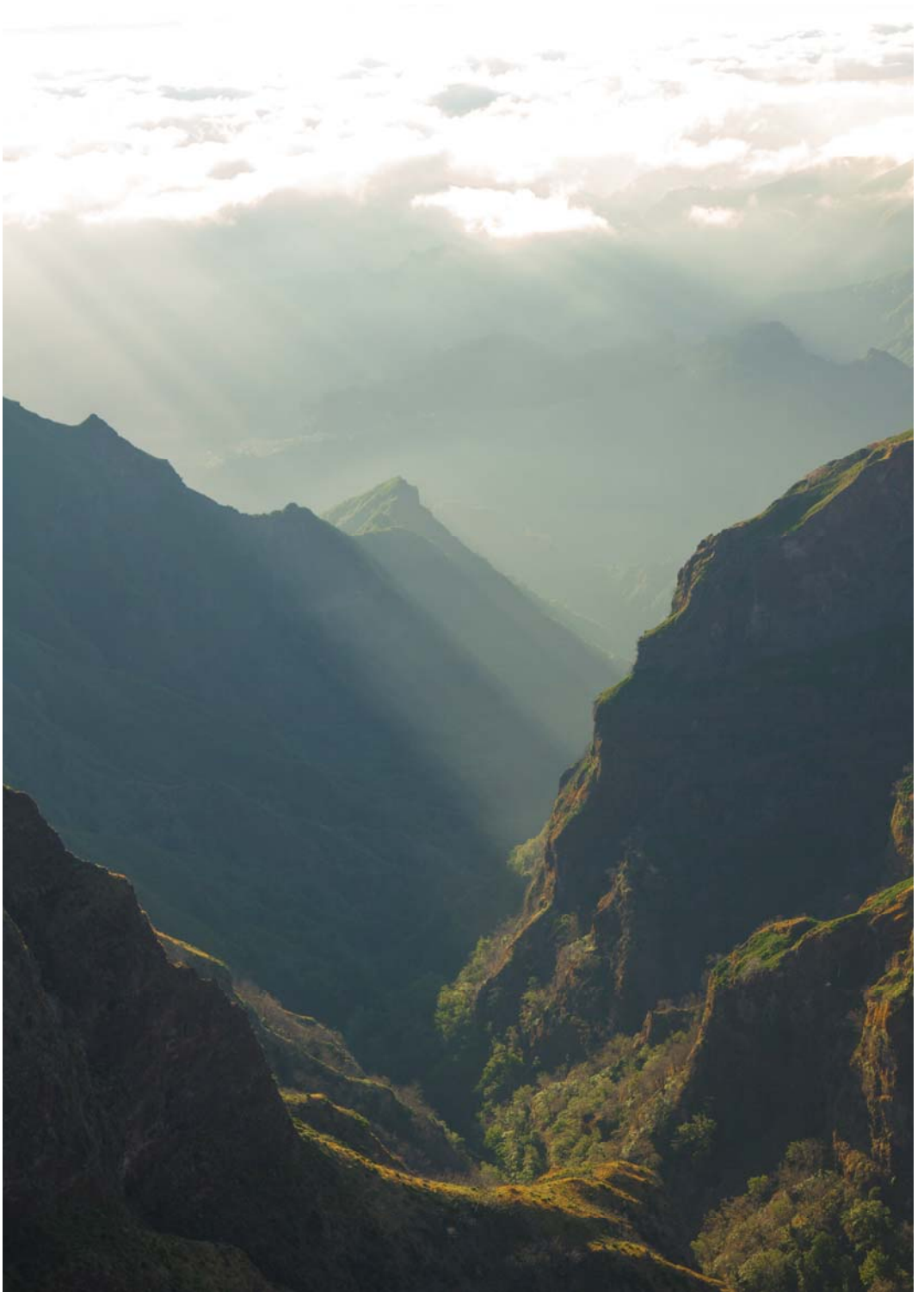
Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprendermadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


apca
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Biologia, paisagem e diversidade

Miguel Sequeira

Universidade da Madeira

O conhecimento científico da diversidade das ilhas, incluindo o arquipélago da Madeira, sendo dinâmico por natureza, tende a ser visto em cada momento como um conhecimento estático e sumamente linear. No entanto, o conhecimento científico insular relativo quer às espécies (taxonomia), quer às comunidades/ecossistemas (ecologia), resulta não só do dinamismo e evolução da própria ciência como da descoberta da própria ilha. As ilhas como espaços desconhecidos e intocados são descobertas e colonizadas no século XV, época em que Dioscórides continuava a marcar a Botânica europeia e em que os herbalistas, como Otto Brunfels (1488?-1534), marcariam com as suas obras.

A descrição do arquipélago da Madeira é feita em segunda mão, por exemplo, por Gaspar Frutuoso (1522-1591), que sobre ela escreve mais de um século após a sua descoberta¹. Somamos pois à evolução de uma ciência botânica ainda amplamente rudimentar a chegada tardia de observadores, ferramentas incompletas e uma descrição assíncrona e hiperbólica da paisagem vegetal. Para a descrição da paisagem primícia resta interpretar os escritos que chegaram até hoje, numa arqueologia de entrelinhas mais do que de factos.

O final do século XVII oferece a primeira base factual e inquestionável da paisagem e das espécies; a paisagem baseada nas primeiras plantas colhidas e mantidas até hoje no Museu de História Natural de Londres. Foi Hans Sloane que na sua brevíssima passagem pela Madeira a caminho da Jamaica em 1687 colheu os primeiros espécimes da flora da ilha². Mas se a metodologia constitui um avanço notável, e o registo

¹ Gaspar Frutuoso, *Livro segundo das saudades da terra*, Ponta Delgada, Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1968 [1590].

² Cf. Javier Francisco-Ortega *et al.*, “Plant hunting in Macaronesia by Francis Masson: the plants sent to Linnaeus and Linnaeus filius”, *Botanical Journal of the Linnean Society*, 157: 393-428 e Miguel Menezes de Sequeira *et al.*, “The Madeiran plants collected by Sir Hans Sloane in 1687, and his descriptions”, *Taxon*, 59(2), 2010, pp. 598-612.

histórico um dado incontornável com a descrição de diversas espécies e a elaboração da primeira lista de espécies, a verdade é que as ferramentas e a própria evolução da ciência colocam esta primeira lista de nomes numa pré-história botânica. A passagem de Sloane pela Madeira ocorre quase 60 anos antes da publicação do *Genera plantarum*³ e *Species plantarum*⁴ por Carolus von Linnaeus (1737, 1753). A lista de Sloane baseia-se, na verdade, nos cânones botânicos da época, nas obras *Pinax theatri botanici* de Caspard Bauhin⁵ (1560-1624) e *Historia plantarum universalis* de Jean Bauhin (1541-1613) e Johann Heinrich Cherler (1570-1610)⁶. Esta lista é pois um conjunto de polinómios que precede a publicação binomial intuída já na obra de Caspard Bauhin, mas instituída bastante mais tarde por Lineu. Estes polinómios, verdadeiras frases descritivas, constituem, a par de um sistema de classificação deficiente, o verdadeiro calcanhar de Aquiles da botânica tardia pré-lineana, em que o descobrimento de novos mundos força a inclusão de uma diversidade crescente na, até aí, relativamente reduzida diversidade de plantas europeia, quase só dioscoridiana. É, pois, neste contexto que se deve enquadrar a descrição de novas *taxa*, neste caso da Madeira, pelo próprio Sloane.

Mas se Sloane reconhece na flora da Madeira diversos elementos europeus que identifica, como por exemplo *Caryophyllus barbatus sylvestris annuus latifolius multis capsulis simul junctis donatos*, i.e., *Petrorrhagia nanteuilii* (Burnat) P. W. Ball & Heywood, noutros elementos reconhece novas espécies que nomeia, através de polinómios descritivos,

³ Carolus von Linnaeus, *Genera plantarum eorumque characteres naturales secundum numerum, figuram, situm, & proportionem omnium fructificationis partium*, Leiden, Wishoff, 1737.

⁴ *Idem*, *Species plantarum, exhibentes plantas rite cognitatas, ad genera relatas, cum differentiis specificis, nominibus trivialibus, synonymis selectis, locis natalibus, secundum systema sexuale digestas*, 2 vols., Holmiae, Impensis Laurentii Salvii, 1753.

⁵ Caspard Bauhin, *Pinax theatri botanici Caspari Bavhini Basileens. Archiatri & Professoris Ordin. sive index in Theophrasti Dioscoridis Plinii et Botanicorum qui à Seculo scripserunt Opera: plantarum circiter sex millium ab ipsis exhibitarum nomina cum earundem Synonymiis & differentiis Methodicè secundum earum & genera & species proponens. Opus XL. Annorum Hactenus non editum summoperè expeditum & ad auctores intelligendus plurimum faciens. Galenus I. de Antid. V. Medicus omnium Stirpium, si fieri potest, peritiam habeat consulo sin minus, plurimarum saltem, quibus frequenter utimur*, Basileae Helvet., Sumptibus & typis Ludovici Regis, 1623.

⁶ Jean Bauhin e Johann Heinrich Cherler, *Historia plantarum universalis, nova, et absolutissima cum consensu et dessensu circa eas*, 3 tomos, Ebroduni, 1650-1651.

como *Cistus folio oblongo, integro, glabro, subtus albido, vasculis trigonis*, nome que corresponde a *Hypericum canariense* L., o Hipericão, planta endêmica da macaronésia descrita e nomeada no sistema binomial por Lineu em 1753, ou ainda *Hieracium fruticosum foliis tenuissime coronopi modo divis*, a que corresponde *Tolpis succulenta* (Dryand) Lowe, endemismo madeirense-açoriano (Fig. 1).



FIGURA 1. *Tolpis succulenta* (Dryand) Lowe, hábito e detalhe do capítulo.

DETALHE



A primeira lista de espécies de plantas da Madeira é, portanto, a que nos oferece Sloane. Ainda que seja uma lista de polinómios, a sua interpretação, quer pelas espécies que nela se incluem, quer pelas que, de forma muito informativa, dela estão ausentes, dá-nos uma ideia aproximada da paisagem natural do sul da Ilha da Madeira⁷. Trata-se de uma lista que não corresponde ainda ao cânone moderno, i.e., ao sistema binomial (espécie + restritivo específico), mas que resulta de uma observação rigorosa suportada pela colheita de espécimes ainda hoje preservados, e que constitui, como acima já se referiu, o mais antigo herbário de plantas macaronésicas (James Cunningham apenas colheu as primeiras plantas nas ilhas Canárias em 1697⁸).

No século XVIII a visita de coletores botânicos como Francis Masson (1741-1805), já contemporâneo da obra de Lineu, reflete-se no intercâmbio de plantas e sementes por vários centros europeus, com claro destaque para os Kew Gardens e o Natural History Museum. Algumas plantas são mesmo enviadas para Lineu e posteriormente para o seu filho, resultando nas primeiras descrições de endemismos madeirenses no sistema binomial⁹. Para além disso, a Madeira é também visitada por Joseph Banks (1743-1820) e Daniel Carl Solander (1733-1782), tendo este último reunido informação importante relativa à flora da Madeira mas que permanece inédita.

É Robert Brown (1773-1858) quem, em 1801, ao preparar a sua viagem, reúne a informação disponível relativa à Ilha da Madeira: estes apontamentos manuscritos são constituídos por uma lista inicial baseada na informação disponível, alguma dela não publicada, como a de Solander. Mais tarde, durante a sua curta estadia na Madeira, Brown corrige e atualiza o manuscrito inicial, nele incluindo novas espécies que nomeia de forma provisória com novos nomes. Curiosamente, numa prova inequívoca da universalidade do conhecimento e de quão antiga é a tradição científica de intercâmbio de informação, é Christian Leopold

⁷ Ver Miguel Menezes de Sequeira *et al.*, “The Madeiran plants collected by Sir Hans Sloane in 1687, and his descriptions”, *op. cit.*

⁸ Javier Francisco-Ortega e A. Santos-Guerra, “Early evidence of plant hunting in the Canary Islands from 1694”, *Archives of Natural History*, n.º 26, 1999, pp. 239-267.

⁹ Javier Francisco-Ortega *et al.*, “Plant hunting in Macaronesia by Francis Masson: the plants sent to Linnaeus and Linnaeus filius”, *Botanical Journal of the Linnean Society*, n.º 157, 2008, pp. 393-428.

von Buch (1774-1853) quem, em 1825, publica a lista de Brown, conferindo legitimidade nomenclatural aos nomes provisórios da lista manuscrita¹⁰. De facto, é possível verificar a forma rigorosa como Von Buch segue a descrição manuscrita de novos taxa por exemplo na descrição do marmulano (Fig. 2).

Sideroxylon Mirmulans inermis foliis obovato-oblongis glabris
perennantibus calycibus tomentosis. — Buch 5

SIDEROXYLON *Mirmulans*.

*Inermis, foliis obovato-oblongis
glabris perennantibus, calycibus tomentosis.*



FIGURA 2. A. Descrição original do marmulano, *Sideroxylon mirmulans* R. Br. in Buch por Robert Brown. B. Protólogo publicado por Von Buch (1825). C. Aspecto da folhagem e detalhe de um fruto.

Circulavam, pois, no início do século XIX possivelmente várias listas de taxa disponíveis em forma manuscrita. Neste contexto, a vinda

¹⁰ Christian Leopold von Buch, *Physicalische beschreibung der Canarischen inseln*, Berlin, 1825.

para a Madeira em 1827 de Richard Thomas Lowe (1802-1874) como pastor anglicano é, sem dúvida, o evento mais marcante da história botânica do arquipélago. Lowe teve certamente acesso a esta lista de plantas, além, claro está, de ter tido acesso às colecções guardadas em Kew e no NHM. Ao longo de várias décadas em que reside na Madeira, ainda que interrompidas cada vez com mais frequência a partir do final da década de quarenta por visitas, cada vez mais longas, a Inglaterra, Lowe descreve a flora da Madeira no sistema binomial lineano. Inicialmente, publica apenas pequenos opúsculos, mas progressivamente vai publicando obras de maior fôlego, que culminam na publicação da *Manual flora of Madeira*¹¹. Esta obra permaneceu no entanto incompleta devido à morte do autor no naufrágio do *Liberia*, navio em que mais uma vez regressava à Madeira em abril de 1874. De facto, dos 163 *taxa* endémicos (espécies e subespécies) que se reconhecem atualmente, Lowe é autor de 53, um número notável que ainda assim ficou incompleto dada a morte prematura, que impediu a publicação do último volume da sua *Manual flora*.

Diversos autores referem no final do século XIX a necessidade de completar a flora da Madeira, mas é apenas no início do século XX que Carlos Azevedo de Menezes publica a *Flora do archipelago da Madeira*¹², um acervo completo dos *taxa* da flora do arquipélago. Não se trata, todavia, formalmente de uma flora, pois na maior parte dos casos não integra descrições, referindo outros autores para as mesmas, e, na verdade, assim o reconhece o próprio autor. No entanto, esta lista detalhada é considerada a primeira flora completa do arquipélago. Menezes reconhece vários *taxa* endémicos, com destaque para a *Scilla madeirensis* Menezes, *Juniperus cedrus* Webb & Berthel. subsp. *maderensis* (Menezes) Rivas Mart. *et alli*, *Lolium lowei* Menezes, *Phalaris maderensis* (Menezes) Menezes, *Plantago arborescens* Poir. subsp. *costae* (Menezes) M. Seq. & R. Jardim e *Sinapidendron sempervivifolium* Menezes.

Na realidade, só no final do século XX foi publicada a primeira flora completa do arquipélago da Madeira, retomando o interesse anglo-saxónico pela flora da Madeira. Com efeito, a publicação em 1994 da

¹¹ Richard Thomas Lowe, *A Manual flora Madeira and the adjacent islands of Porto Santo and the Deserts*, 2 vols., London, John Van Voorst, 1857-1872.

¹² Carlos Azevedo de Menezes, *Flora do arquipélago da Madeira (phanerogamicas e cryptogamicas vasculares)*, Funchal, Typ. Bazar do Povo, 1914.

Flora of Madeira, de J. R. Press e Marion Short¹³, constitui a flora mais recente para toda a Macaronésia¹⁴. A edição pelo Museu de História Natural de Londres, cuja fundação, por Richard Owen, teve por base as coleções de Hans Sloane, comprova a forte e secular ligação desta instituição à história natural da Madeira.

A lista mais recente da flora madeirense foi publicada por Roberto Jardim e Miguel Menezes de Sequeira em 2008¹⁵, nela se incluindo 1204 *taxa* (espécies e subespécies). Estes autores publicaram um gráfico cumulativo do número de endemismos conhecido para o arquipélago da Madeira (Fig. 3), onde é óbvia não só a importância das primeiras décadas do século XIX para o número total de *taxa* descritos como também uma tendência expectável para a estabilização do número de *taxa*.

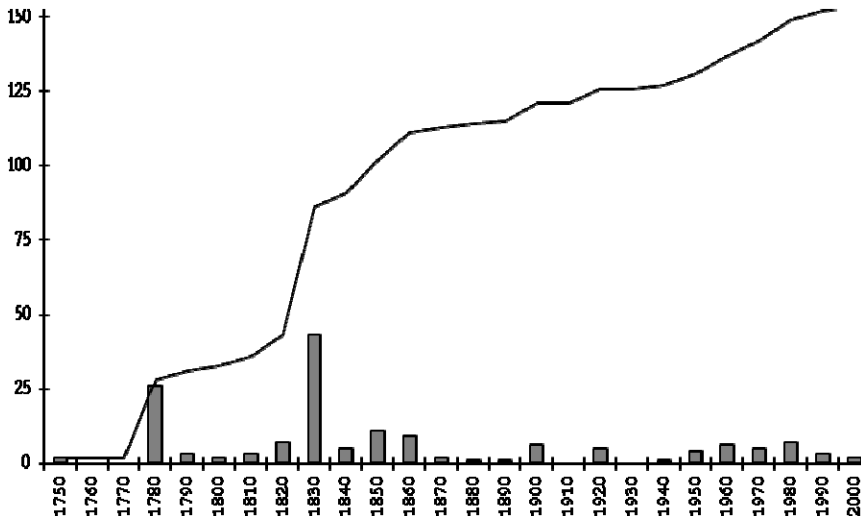


FIGURA 3. Número de *taxa* endêmicos descritos de 1753 a 2010, valores por década e valor cumulativo (adaptado de Rebelo Jardim e Miguel Menezes de Sequeira, *op. cit.*).

¹³ J. R. Press e Marion Short (eds.), *Flora of Madeira*, London, HMSO, 1994.

¹⁴ Publicaram-se ao longo século XX várias listas, com destaque para a *Flora of Macaronesia: Checklist of vascular plants*, de A. Hansen e P. Sunding, 4.ª ed. rev., *Sommerfeltia*, 17, 1993, 1-295.

¹⁵ Miguel Menezes de Sequeira, Jorge Capelo, José Costa e Roberto Jardim, “*Teucrium francoi* M. Seq., Capelo, J.C. Costa & R. Jardim, a new species of *Teucrium* gr. *Scorodonia* (Lamiaceae) from Madeira”, *Botanical Journal of the Linnean Society*, 156, 2008, pp. 639-647.

A tendência para a publicação de listas sucessivas – uma certa paixão pelas listas¹⁶ – não implica que as mesmas possuam uma interpretação fácil. Muitas vezes utilizadas como bandeiras de orgulho regional ou nacional, elas são apenas repositórios instantâneos de nomes de taxa cuja observação foi assíncrona e por vezes longínqua. De facto, ao nome numa lista pode já não corresponder a presença efetiva do *taxon*, i.e., ocorrem nas listas diversos *taxa* cuja observação foi episódica ou que não voltaram a ser encontrados ao longo das últimas décadas (ou séculos!).

Se, por um lado, os *taxa* nativos (endémicos ou não) correspondem a um número limitado cuja ocorrência real na natureza apenas pode mostrar tendência para diminuir, malgrado a descoberta recente de novos *taxa* (Fig. 4), por outro, a lista das espécies exóticas naturalizadas e por vezes invasoras não para de crescer.

Efetivamente, a descoberta de uma nova espécie, a que corresponde a criação de um novo nome, não corresponde à criação da espécie, resultando esta obviamente de processos evolutivos aos quais uma estimativa otimista atribui, em alguns casos, centenas de milhares de anos. A descoberta de uma espécie, e a atribuição de um novo nome, é, assim, de certa forma, o reconhecimento da incompletude do conhecimento atual da diversidade vegetal. Por outro lado, o crescimento no número de *taxa* nas listas mais recentes deve-se mais ao engrossar da fileira das exóticas, reconhecidamente um problema ecológico da maior grandeza, do que ao reconhecimento de novos *taxa* nativos (ou endémicos).

Uma outra perspetiva sobre a evolução do conhecimento botânico são as implicações que a descoberta de novas espécies – ou a sua extinção, embora a sua presença permaneça imorredoura nas listas – possui sobre a interpretação da evolução da paisagem. A evolução dos *taxa*, a sua ocorrência ou extinção, deve ser vista como resultado da ocorrência de comunidades vegetais, elas mesmas dependentes da paisagem, todavia, uma alteração extrema e célere após a ocupação humana do território.

¹⁶ Umberto Eco, *A vertigem das listas*, Lisboa, Difel, 2009.

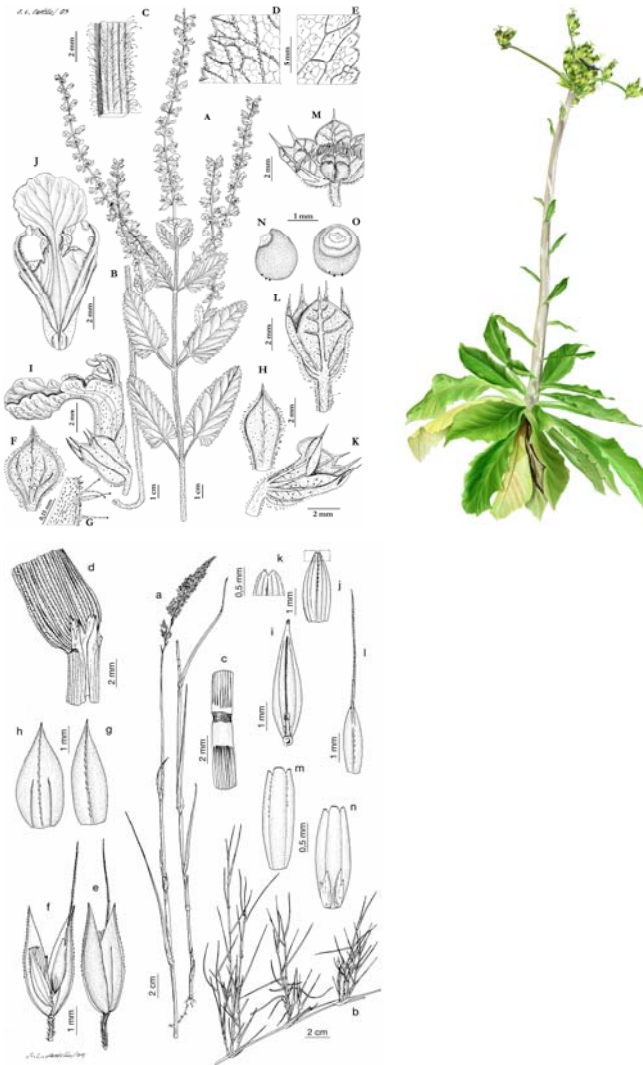


FIGURA 4. Lâminas de alguns novos taxa recentemente descritos, todas da autoria de Juan Castillo. A. *Musschia isambertoi* M. Seq., R. Jardim, M. Silva & L. Carvalho¹⁷; B. *Teucrium francoi* M. Seq., Capelo, J.C. Costa & R. Jardim¹⁸; C. *Holcus pintodasilvae* M. Seq. & Castrov¹⁹.

¹⁷ Miguel Menezes de Sequeira *et al.*, “*Musschia isambertoi* M. Seq., R. Jardim, M. Silva & L. Carvalho (Campanulaceae) a new species from the Madeira Archipelago”, *Anales del Jardín Botánico de Madrid*, 64(2), 2007, pp. 135-146.

¹⁸ Miguel Menezes de Sequeira *et al.*, “*Teucrium francoi* [...], *op. cit.*”

¹⁹ Miguel Menezes de Sequeira e Santiago Castroviejo, “*Holcus pintodasilvae* M. Seq. & Castrov. (Poaceae, Pooideae, Poeae) a new species from Madeira Island

No entanto, o processo de ocupação do território e consequente desaparecimento ou redução de comunidades vegetais não é contemporâneo do estudo científico. Com breves e anedóticas exceções, as espécies ficaram largamente por descrever (e nomear...) até ao século XIX (sem esquecer a descrição recente de novas espécies e o que tal significa acerca do real conhecimento da diversidade biológica). Deste modo, a nossa interpretação da paisagem atual onde a paisagem natural é residual e a presença de comunidades primícias nula, concomitante à presença na lista mais recente de dezenas de *taxa* de plantas do arquipélago da Madeira que se podem considerar extintas, levanta certamente a questão de quantas espécies terão sido extintas no período pré-descritivo que mediou entre a descoberta das ilhas (1418/1419) e 1753, data da publicação do primeiro endemismo da Madeira. A circunstância de aceitarmos que as espécies que listamos não só existem no momento atual, quando na verdade muitas estão extintas, como ainda são as que sempre existiram, conduz-nos a um fixismo que consideraria aceitável uma taxa de extinção de cerca de 13% nos últimos 250 anos e de 0% no período de 335 anos que mediou entre a colonização do arquipélago (1418) e a descrição científica do primeiro endemismo (1753), i.e., ao paradoxo de existir por ter nome ou de só existir o que recebeu nome.

(Portugal), and notes on the Macaronesian *Holcus*”, *Novon: a Journal for Botanical Nomenclature*, 22(3), 2013, pp. 311-320.